
NOTAS E COMENTÁRIOS

Persp. Teol. 20 (1988) 87-98

O SÍNODO SOBRE OS LEIGOS

Nota descritiva¹

José Ernanne Pinheiro

O Sínodo sobre os leigos, sétima assembléia geral ordinária do Sínodo dos Bispos, terminou, como era previsto, com a celebração eucarística na basílica de São Pedro e com um almoço de confraternização do Papa com todos os participantes: os padres sinodais e os leigos. Cumpriu todos os passos do Regulamento. Não fez avaliação formal. No entanto, numa das últimas sessões, houve um ensaio de avaliação quando algumas vozes expressaram a necessidade de rever a metodologia dos trabalhos do Sínodo. Também pela imprensa alguns dos Bispos traçam pistas de avaliação: exaltando aspectos positivos, explicitando preocupações.

O Sínodo não ficou concluído: as 54 proposições apresentadas ao Santo Padre supõem o documento pós-sinodal, os resultados do empenho de um mês de trabalho. O próprio João Paulo II, na última sessão, assim se expressa:

“O limitado arco de tempo durante o qual o Sínodo, por necessidade de circunstâncias, pode encontrar-se reunido, não lhe permite redigir um próprio documento final. Será portanto minha preocupação, em cumprimento da vontade manifestada, prover a tal tarefa, para cuja execução me valerei da colaboração do Conselho para a Secretaria do Sínodo, não deixando de ter em conta aquela espécie de ‘direitos de autor’ que pertencem ao Sínodo mesmo”².

A grande imprensa, aiém de ter pouco noticiado o acontecimento do Sínodo, mostrou um certo mal-estar no noticiário. No meu entender

¹ Não é demais lembrar que todo relatório inclui muito de quem o redige. Certamente, outros introduziriam outros aspectos e de outras maneiras no mesmo relato. No panorama global do ambiente sinodal havia elementos mais identificados com a mística eclesial, difíceis de serem formulados. É o caso das canonizações efetuadas durante o Sínodo, quando a Igreja colocava diante do Povo de Deus modelos de heroísmo, de generosidade total, modelos de santidade.

² *L'Osservatore Romano*, 8/11/87, p. 4.

isto se deve a dois motivos: a) Os jornalistas reclamaram do clima de segredo, da terminologia hermética dos textos elaborados. Sentiram-se pouco valorizados como agentes de notícias. "Entre os MCS e a organização do Sínodo a corrente passa mal", diz um jornalista. b) A defasagem entre a expectativa criada na preparação do Sínodo e o objetivo do próprio Sínodo. "O problema é explicar ao povo, na nossa volta, que o Sínodo não concluiu. Muita gente vai ficar decepcionada, sobretudo após o enorme trabalho de consulta que atingiu mais de 200.000 pessoas", desabafa um dos bispos americanos no Sínodo, Mons. Rembert Weakland, arcebispo de Milwaukee, USA.

O Sínodo dos Bispos, na forma atual, nasceu do Concílio Vaticano II e tomou corpo no Motu Proprio *Apostolica sollicitudo*, de Paulo VI, 11/09/65. Seus fins gerais são: a) Favorecer a estreita união e colaboração entre o Sumo Pontífice e os bispos de todo o mundo; b) procurar uma informação direta e autêntica da problemática e das situações relacionadas com a vida interna da Igreja e sua ação sobre o mundo atual; c) facilitar um maior consenso, ao menos com respeito aos pontos doutrinários mais essenciais e a práxis da vida eclesial (Cf. Motu Proprio). Por causa do seu objetivo é que muitos bispos insistiram mais no clima de colegialidade do Sínodo do que no seu conteúdo (também fundamental). O cardeal de Lyon, por exemplo, Mons. Decourtray, falando à imprensa, "focaliza o clima de amizade entre os participantes — o Papa, os bispos, os leigos. Também focaliza a confiança mútua, a corresponsabilidade diante dos desafios da Igreja universal, salientando momentos fortes quando os bispos da África do Sul falavam sobre os problemas raciais, quando o bispo da Etiópia mostrava a situação da fome, o comovido apelo dos patriarcas do Líbano em favor do seu povo, o silêncio, que falava mais que qualquer discurso, dos bispos do Vietnã"³.

Os bispos do Brasil fazem sua avaliação do Sínodo como um desencadear de um processo promissor para a Igreja com relação a vários temas que poderão levar os leigos a assumirem mais e melhor sua missão como membros do Povo de Deus, superando a visão negativa de leigo cristão de segunda categoria.

Faremos a explanação sobre o andamento do Sínodo em três partes:

I. Quadro geral do Sínodo.

II. Temas chaves que despontaram na caminhada e os questionamentos surgidos.

III. Prospectivas do pós-Sínodo.

³ *La Croix*, 31/10/87, p. 2

I. QUADRO GERAL DO SÍNODO

Na homilia de abertura, o Papa situa os trabalhos do Sínodo no quadro mais amplo da renovação do Concílio Vaticano II, dando graças a Deus pelo novo Pentecostes na Igreja. Propõe aos padres sinodais um olhar de pastor se inspirando no pensar e no agir de Cristo, à luz da leitura do dia, FI 2,1-4.

“Não buscar o próprio interesse mas, antes, o dos outros — o interesse dos leigos, irmãos e irmãs, dispostos a considerar, com toda humildade, os outros superiores a nós mesmos”.

Lembra o Santo Padre que, durante o Sínodo, serão celebrados os 25 anos de abertura do Concílio Vaticano II que tanto se dedicou ao tema em questão.

a) *Composição do Sínodo*: 232 padres sinodais, 60 leigos. Entre os padres sinodais, 154 foram escolhidos pelas respectivas conferências episcopais dos 5 continentes: 40 da Europa, 45 das Américas, 39 da África, 25 da Ásia, 5 da Oceania.

A estes, o Santo Padre acrescentou outros 30, como convidados especiais. E participaram também: 6 patriarcas, 7 metropolitans de rito oriental, 10 superiores religiosos e 25 chefes de Dicastérios Romanos.

Dos 60 leigos, 26 eram mulheres e 34 homens — de profissões, idades e experiências diversificadas, das várias partes do mundo. Chamava a atenção o grande número de movimentos representados, entre os quais Opus Dei, Carismáticos, Focolari, Communione e Liberazione, Neocatecumenato, Schönstatt, Equipes de Nossa Senhora, Ação Católica (de ramos diferentes: jovens, adultos), ordens terceiras, leigos de paróquias e de comunidades eclesiais de base, catequistas, organismos nacionais e internacionais...

b) *Programação*: — Primeiro, as *congregações gerais*, onde foi apresentada uma média de 200 intervenções. Esta fase termina com síntese dos trabalhos, elaborada pelo Relator do Sínodo (*disceptatio generalis*) no dia 14/10. Depois os *círculos de estudos*, de 14/10 a 19/10, por divisão lingüística, com uma orientação baseada no que fora até então refletido, tendo como referência a síntese geral. De 19/10 a 22/10, elaboração das proposições que deverão ser oferecidas ao Papa como material para o documento pós-sinodal, também em pequenos círculos. De 23/10 em diante, elenco das proposições, em plenário, discussões, emendas e votação. Neste período, é redigida a mensagem final, são escolhidos os membros do Conselho da Secretaria Geral do Sínodo (o grupo que deverá preparar o próximo Sínodo), entre os quais esta Dom Luciano Mendes de Almeida. — *O programa dos leigos*:

Em cinco painéis, os leigos apresentaram suas experiências e reflexões aos padres sinodais.

c) *Serviços prestados no encaminhamento do Sínodo:* — Presidentes delegados: Cardeal Eduardo Pirônio, presidente do Pontifício Conselho dos Leigos; Cardeal Myroslav Ivan Lubachivsky, arcebispo maior dos Ucrânianos; Cardeal Ricardo Jaime Vidal, arcebispo de Cebu (Filipinas) — Relator: Cardeal Hyacinthe Thiandoum, arcebispo de Dakar-Senegal — Secretário Geral: Mons. Jan P. Schotte - Roma — Secretário Especial: Mons. Pierre Eyt, arcebispo coadjutor de Bordeaux, França — Secretários especiais adjuntos: Sr. Jean Loup Dherse, economista francês, ex-vice presidente do Banco Mundial, leigo; Sra. Maria das Graças Sales, portuguesa, do Pontifício Conselho dos Leigos, leiga.

Naturalmente, todo o trabalho estava sob direção do Santo Padre João Paulo II que participou, religiosamente, de todas as sessões, fez suas catequese semanais na praça de São Pedro sobre o tema Leigos, atendeu os bispos neste período, de modo especial durante o almoço. — Cada dia um grupo diferente almoçava com ele. Havia mesmo uma brincadeira entre os padres sinodais: "Mostra-me como te vestes e te direi com quem vais almoçar" (usavam a batina para almoçar com o Papa).

d) *Iniciativas afins durante o Sínodo:*

O clima eclesial de Roma era de Sínodo. As livrarias faziam exposições de livros sobre leigos (aliás muitas e boas publicações surgiram como fruto da preparação do Sínodo). Vigílias de oração se repetiam: dos grupos de jovens, paróquias, dos irmãos de Taizé (com a presença diária de padres sinodais).

A organização belga "Pro mundi vita", com seu boletim traduzido em várias línguas sobre temas eclesiais, montou um serviço de reflexão sobre o Sínodo, na casa dos agostinianos, vizinha ao Vaticano. Promovia debates diários às 16hs, em vários idiomas, com a presença de leigos e padres sinodais. Prestou excelente serviço de intercâmbio e aprofundamento das questões em foco no Sínodo.

Estavam presentes em Roma, neste mês do Sínodo, vários assessores — padres e leigos. O grupo dos países latino-americanos tomou a iniciativa de se encontrar. Formamos um círculo de reflexão e elaboração de textos-subsídios ao serviço dos nossos bispos. A livraria da Ação Católica italiana colocou, ao nosso dispor, uma sala na Via della Conciliazione. Foram debates ricos, trocas de experiência e aprofundamento, inclusive com a presença de teólogos e leigos italianos que muito bem se prepararam para este Sínodo.

II. TEMAS CHAVES QUE DESPONTARAM NA CAMINHADA E OS QUESTIONAMENTOS SURGIDOS

A estrutura do Sínodo oferecia três momentos-chaves para a elaboração do pensamento sobre o tema: as intervenções (8 minutos); os círculos de estudos (25 pessoas em média), por afinidade lingüística; a elaboração das proposições. Alguns temas apareceram em grande número de intervenções, mas não obtiveram evolução na reflexão. Outros ganharam espaço e conseguiram se impor. Há temas mais típicos de regiões ou continentes.

Vamos tentar apresentá-los em três blocos:

- 1) os temas mais amplamente comuns no âmbito sinodal
- 2) os temas mais típicos de algumas regiões
- 3) temas que parecem importantes de serem ressaltados (para posterior aprofundamento).

Primeiro bloco: temas mais comuns

Gostaria de salientar quatro temas no primeiro bloco:

a) *Eclesiologia de comunhão*: quer acentuar mais o que une — o batismo, a fé recebida, a consciência da missão. Também este tema é apresentado como *elesiologia do Povo de Deus*, sujeito da missão, sujeito da comunhão. A expressão comunidade missionária, de muito agrado do cardeal Pirônio, vinha muitas vezes à tona. Quando se parte para as distinções começam a aparecer as acentuações. Um grupo acentuava mais a comunidade/carismas — ministérios, como Povo de Deus ao serviço do mundo, uma Igreja toda ministerial. Outro grupo teme que esta colocação descaracterize a índole secular do leigo e prefere ainda continuar o binômio "clero-laicato". Tanto um grupo como o outro — acentuando mais a dimensão eclesial ou mais a dimensão secular —, ambos têm em comum a preocupação com o relacionamento Igreja-Mundo e com a divisão nos campos de atuação — a Igreja aos clérigos, o mundo aos leigos. Sentimos por trás desta discussão experiências diversas das Igrejas do Primeiro Mundo e do Terceiro Mundo. Pela experiência de estruturas estáveis e por vezes rígidas do Primeiro Mundo tende-se a salientar o papel dos leigos a partir destas estruturas: a paróquia, os movimentos, o clero. As Igrejas do Terceiro Mundo com a novidade da irrupção do pobre, com a consciência missionária crescente relativizam as estruturas eclesiásticas tradicionais para acentuar o mundo a salvar, a libertar. E a criatividade pastoral tem-nos oferecido

experiências ricas, levando todos os cristãos — bispos, presbíteros e leigos a se engajarem no mesmo processo eclesial. As comunidades eclesiais de base testemunham o fato em questão. A consciência profética assimila a tensão maior entre Igreja e mundo em processo de transformação e não tanto hierarquia-laicato. O compromisso comum nos irmana na aventura comum sem subestimar as especificidades dos ministérios complementares. Neste contexto é que é refletida a missão do leigo.

b) *Os Movimentos*: Sem dúvida foi o tema mais “quente” do Sínodo. Questões conjuntarais da Europa, de modo especial da Itália, levaram a isso. Não podemos colocar todos os Movimentos na mesma balança. Há tensões entre Movimentos de índole mais espiritual e os Movimentos de Ação Católica, como há tensões entre Movimentos e Igrejas locais. Por trás dessas tensões estariam tanto a relação entre Igreja local e o serviço de unidade de todas as Igrejas, a Igreja universal, como a tensão Igreja-Mundo, ou seja, o projeto de sociedade e a missão da Igreja. Muitas intervenções se posicionaram diante desta discussão — de maneira elogiosa ou reticente aos Movimentos. Contudo, as duas mais comentadas foram a do Cardeal Aloísio Lorscheider, arcebispo de Fortaleza, e a do Cardeal Carlo Maria Martini, arcebispo de Milão (Itália). Ambos valorizam os movimentos espirituais como capacidade de despertar a fé no homem urbano, secularizado, levando-o a reencontrar o Cristo (Lorscheider); vinho novo na Igreja que deve ser odre novo e não temer o vinho novo (Martini). Mas ao mesmo tempo, ambos apresentam questionamentos: aspectos a serem aperfeiçoados para serem bem recebidos pelos pastores — “inserção na Igreja local, comunhão com o pastor, superação de paralelismo na pastoral, fechamento em si mesmo, espiritualidade “intimista” (Lorscheider). Além disso insiste na necessidade da opção evangélica pelos pobres, na identificação mais plena com o Cristo pobre. Martini reflete sobre o conceito de carisma e salienta os critérios de discernimento, lembrando que a única pérola preciosa é o Reino de Deus e a caridade. Todos os outros carismas são expressões históricas, contingentes da caridade que tudo crê, tudo espera, tudo suporta... para a edificação da Igreja.

c) *A mulher*: Vem à tona sob os ângulos mais diversos: 32 intervenções. Tomo três intervenções como exemplares para mostrar em que linha se encaminha a reflexão: do arcebispo Weakland (americano), do cardeal Decourtray (francês), do bispo Jean-Guy Hamelin (canadense). Os três insistem na urgência em assumir o papel da mulher na Igreja.

“O papel da mulher na Igreja e na sociedade é talvez o desafio mais significativo que a Igreja deve, hoje, enfrentar” (Weakland).

"Muitas mulheres se sentem vítimas da falta de respeito objetivo da parte de seus pastores. O nosso discurso pastoral e teológico sobre a igual dignidade dos sexos, que Deus criou, na diferença, à sua imagem, é um fato às vezes contradito pelo nosso comportamento" (Decourtray)".

O problema da participação das mulheres na vida da Igreja é de importância primordial para a vida e o futuro da nossa Igreja. O movimento de promoção das mulheres representa um fato que assinala a evolução atual, um sinal dos tempos" (Hamelin).

Os três, igualmente, apresentam propostas para a participação da mulher na Igreja:

"Pode-se imediatamente dar alguns passos concretos que incluem: autorização a homens e mulheres de participarem em todas as funções litúrgicas que não requeiram a ordenação sacerdotal; o acesso para todos os leigos a qualquer função de decisão e de administração a nível diocesano, da Cúria Romana e do Corpo Diplomático; o uso de uma linguagem na liturgia e nos documentos oficiais que inclua as mulheres; a promoção de modelos de colaboração no trabalho entre clero e laicado, que não sejam baseados na inferioridade e dependências; o apoio dos valores familiares e o papel das mulheres na família e na sociedade" (Weakeand).

"... O Sínodo delinear algumas responsabilidades típicas, às quais recomende que se chamem as mulheres. Seria preciso que as mulheres fossem chamadas a desempenhar um papel naqueles setores dos quais são excluídas sem motivos: o conselho espiritual dos cristãos e sobretudo dos futuros padres, o auxílio, sob diversas formas, dos ministros ordenados, etc." (Decourtray).

"... É necessário abrir pistas concretas: — evocar e reconhecer o contributo das mulheres cristãs nos debates vitais da sociedade: paz, bioética, violência, família etc.; — evocar e reconhecer, de fato e de direito, a participação plena das mulheres na vida eclesial: a sua voz é essencial para a sacramentalidade da Igreja e para o seu testemunho; — remover os obstáculos canônicos que bloqueiam o acesso dos leigos a lugares que não necessitam de ordenações (conselhos pastorais, tribunais, etc); — revogar as regras que impedem o serviço no altar e abrir o ministério do acolitado e do leitorado às mulheres" (Hamelin).

O tema da mulher, contudo, não se desenvolveu como era esperado na preparação do Sínodo e como prometia pelas tantas intervenções. Já no relatório-síntese do cardeal Thiandoum a questão da mulher fora tratada de maneira insuficiente, conforme foi observado pelo cardeal G. Dannels, relator de um círculo de estudos. A discussão que tomou corpo, com mais força, foi a possibilidade de ordenação da mulher

como diaconisa. De fato, a tradição traz experiência da mulher como diaconisa. Mas, de fato, era sacramento ou só sacramental para ajudar no batismo de mulheres? Os especialistas se dividem. Afirmada e confirmada a dignidade da mulher, não parece que se avançasse muito nas propostas concretas.

c) A questão da *secularidade do leigo*: Muitas foram as intervenções para afirmar ser específico do leigo o mundo. Outra tendência era afirmar que o compromisso com o secular deve ser da própria Igreja, porque também os outros ministérios devem, como Igreja, se comprometer com a nova sociedade. Perguntas como a do arcebispo da Cidade do Cabo (África do Sul), Stephan Naidoo, são comuns nas preocupações de vários padres sinodais: "Que faz a Igreja na África do Sul? Que faz a Igreja para realizar a transformação exigida pelo Evangelho?"

O Cardeal J. Bernardin, arcebispo de Chicago, afirma:

"A missão religiosa da Igreja procura dar uma estrutura às realidades terrenas, à luz da visão do Reino. Todos os membros da Igreja compartilham as responsabilidades desta missão em virtude do seu Batismo e de sua confirmação..."

E pergunta:

"a) Como podemos continuar a enriquecer o ensinamento do Concílio Vaticano II a respeito da missão da Igreja no mundo, indo mais além das noções consolidadas que tendem a situar a Igreja muito distante das vicissitudes do mundo? Como podemos evitar a falsa dicotomia que cria confusão nas pessoas, que descuida a experiência delas e tende a favorecer divisões no interior da Igreja? b) Como podemos encontrar modos eficazes de escuta das experiências dos leigos, que procuram ser fermento e agentes de transformação nas suas famílias, nos lugares de trabalho, e nas assembléias públicas? Como podemos ajudá-los a usar essa experiência para desenvolver espiritualidade, estruturas e programas que os ajudem na sua vocação?..."

O compromisso da Igreja com o mundo, a relação Igreja-Mundo-Reino e conseqüentemente o compromisso do leigo, como Igreja, diante dos desafios da política, diante de valores como justiça, liberdade, paz... foram num crescendo. O mundo dos pobres, a evangelização dos pobres, os pobres como sujeitos da missão foram temas que penetraram na caminhada do Sínodo, de maneira mais explícita, na segunda parte do evento.

Segundo bloco: temas mais típicos de algumas regiões

Três temas parecem muito acentuados na América Latina e na

África:

— a perspectiva evangélica dos pobres (AL), presença dos leigos na sociedade (África)

— as comunidades eclesiais de base (AL), comunidades eclesiais vivas (África)

— formação dos leigos.

As intervenções dos Bispos do Brasil vão nesta linha.

Dom Celso Pinto fala sobre a evangelização dos pobres como sujeitos da pastoral:

“... Cresce a presença dos pobres como cristãos conscientes e ativos, partícipes da vida e da missão da Igreja.. E o pobre ativo e consciente traz muitos benefícios à Igreja toda: a) a ação evangelizadora é profundamente interpelada pela sua realidade de miséria. Os pobres ocupam pouco a pouco o posto de primeiros destinatários do anúncio do Reino; b) nascem e crescem vigorosas comunidades eclesiais de base, onde fazem a experiência de ser ‘laicato de pobres’, conscientes de ser Povo de Deus encarnado na realidade conflitiva, partícipes nas organizações e movimentos que visam o bem comum e a transformação social e política; c) a convivência fraterna entre estas comunidades, bispos e presbíteros ajuda-nos a desprender-nos de atitudes autoritárias e de domínio; d) com a sua vida e religiosidade, os pobres enriquecem grandemente a liturgia’.

Quando D. Aloísio Lorscheider fala sobre os Movimentos insiste na evangélica opção pelos pobres.

Quando D. Marcelo Carneiro esplanava sobre a santidade dos leigos, acentua a ‘desprivatização’ da santidade.

“Põe-se uma ênfase especial no caráter eclesial da santidade. A participação da vida divina se faz na comunidade dos discípulos (exemplos das CEBs e dos grupos de evangelização, espiritualidade da missão). Sente-se a necessidade da ‘nobre luta’ pela justiça... esta forma de vida/espiritual é ‘profética’ e possui uma dimensão política e social. Não desconhece os conflitos, mas, entre a denúncia e o anúncio, põe a confiança em Deus e sofre com paciência a delonga do tempo. Define-se por uma clara ‘opção pelos pobres’ sem excluir os outros. Hoje não é possível ser santo, no mundo, sem escutar os clamores do povo”...

Dom Luciano Mendes de Almeida, falando sobre a complementariedade dos carismas na Igreja se pronuncia dizendo:

“A vida quotidiana partilhada em pequenas comunidades, em ‘círculos bíblicos’, na ação pastoral permite que os membros do Povo de Deus façam a experiência de comunhão fraterna, assumindo serviços, reconheçam sua dignidade e valorizem os próprios carismas. Por essas atividades os cristãos assumem a missão evangelizadora da Igreja, se dedicam de modo pacífico e

eficaz a questões sociais e políticas e à transformação da sociedade injusta”.

Dom Serafim Fernandes e Dom Cláudio Colling investem no tema da formação dos leigos, entre os temas-desafios da preparação do Sínodo e de grande valia para continuidade do trabalho.

Estes três temas: opção pelos pobres, comunidades eclesiais de base e formação são matéria dos discursos de vários padres sinodais da América Latina: da Bolívia, do Chile, do Equador, do México, da Venezuela...

Os bispos africanos no dia 14/10/87, último dia das congregações gerais para as intervenções, fazem um comunicado de imprensa dando um apanhado do seu trabalho. Três temas ganham terreno:

“A formação dos leigos (21 intervenções representando 19 conferências episcopais); as pequenas comunidades cristãs (também chamados comunidades cristãs de base ou comunidades eclesiais vivas) recebem 14 intervenções (de 12 conferências); o testemunho dos cristãos e a presença dos leigos na sociedade têm 10 intervenções (representando 9 conferências episcopais)”.

Terceiro bloco: temas a serem ressaltados

a) *Leigos nas decisões da Igreja:*

Mons. James M. Hayes, arcebispo de Halifax (Canadá):

“É essencial situar o tema do Sínodo diretamente na vasta perspectiva da missão da Igreja no início do século XXI. Os leigos que formam cerca de 99% dos membros da Igreja, compartilham as esperanças e os temores de 5 bilhões de pessoas da família humana. Eles são chamados a ser sinal e servidores da salvação em Jesus Cristo neste mundo inquieto. Seria um escândalo se nos perdêssemos em intermináveis discussões sobre os problemas internos concernentes aos papéis particulares, quando, ao contrário, urge de modo implacável esta missão com relação ao mundo. Devemos escutar de novo o convite do Santo Padre, no dia do início do seu ministério universal: ‘Abri as portas! Não tenhais medo!’ Não devemos ter medo de abrir os poderes salvíficos de Cristo em benefício de todo este povo assustado e para a solução de todos os terríveis problemas de nosso tempo. Tudo isto pode por nós ser feito, unicamente, com a presença plena, o comprometimento e a sabedoria dos leigos nas nossas decisões e nas nossas iniciativas”.

b) *Sobre os conselhos e órgãos consultivos:*

Cardeal G. Danneels:

“... No que diz respeito à sua missão intra-ecclesial os leigos pedem uma

participação mais ampla na preparação das decisões pastorais, sobretudo nas matérias que se colocam no limite entre Igreja e mundo. É necessário, além disso, interrogar-se sobre o funcionamento dos órgãos consultivos atualmente existentes..."

c) A participação dos leigos na escolha dos bispos:

Em nome da Congregação para os Bispos, o cardeal B. Gantin, referindo-se ao Concílio, salienta um problema novo muito difícil e importante para a vida da Igreja: a parte que podem ter os leigos nas informações pedidas e dadas para os candidatos ao episcopado.

"O cân. 377 par. 3 prevê a eventualidade de ser interrogado qualquer leigo, de inteligência lúcida e sob segredo. Tais informações são acolhidas com respeito e com muita consideração pelas legítimas autoridades; esta participação do laicato não é, de fato, considerada uma formalidade honorífica, mas uma verdadeira chamada a um dever de grande alcance".

d) Líderes das comunidades ordenados presbíteros:

Mons. Leonardo Z. Legaspi:

"... Dada a centralidade da Eucaristia na vida da Igreja, aceder a ela torna-se um direito primordial e fundamental para todo cristão. Por conseguinte, preocupar-se por que isto seja assim, converte-se para nós, pastores, numa obrigação séria. Que fazer? Na Ásia a solução para este problema pastoral foi encontrada pelos bispos em 1977, durante o 'Colóquio Asiático sobre os Ministérios', realizado em Hong Kong. A decisão é a seguinte: "Deve ser tomada com muita seriedade a possibilidade de que líderes reconhecidos, provenientes das comunidades de base de vários géneros, possam ser acolhidos para a ordenação ao presbiterato. Estes líderes serão indivíduos que exercem normalmente uma profissão secular. Se e quando fossem ordenados, eles poderiam exercer o seu ministério sacerdotal na base de uma parte de tempo".

III. PROSPECTIVAS DO PÓS-SÍNODO

O Sínodo significou uma consciência eclesial mais apurada do papel do leigo na Igreja e como Igreja no mundo. Já não podemos considerar o leigo apenas como um setor da Igreja mas um membro pleno do Povo de Deus, numa eclesiologia de comunhão. Seu modo de participar da única missão da Igreja lhe dá uma vocação específica, como Igreja, na transformação do mundo, conforme o Plano de Deus. Todos estes elementos levados ao Sínodo foram legitimados num consenso explícito da maioria dos padres sinodais. Constituem desafio para a prática da evangelização.

As proposições oferecidas ao Santo Padre deverão ser acrescidas das reflexões preparatórias, das contribuições dos leigos durante o Sínodo, dos relatórios produzidos pelos próprios bispos durante a assembléia, com o objetivo de construir um documento sólido como diretriz para a Igreja universal. O Sínodo significou um ponto de chegada de três anos de preparação, o mais bem preparado até agora conforme o cardeal Pirônio. O Sínodo expressou a práxis da Igreja católica e criou desafios para a evangelização.

A mensagem final dos padres sinodais ao Povo de Deus motivou para levarmos para as nossas Igrejas locais a riqueza dos trabalhos. Tenta colocar-se nos caminhos do Vaticano II que, ao aprofundar o mistério da Igreja, suscitou um dinamismo renovador e favoreceu a todo o Povo de Deus formas de participação e de compromisso missionário. Fazendo referência aos temas centrais discutidos no Sínodo, a mensagem final diz aos vários membros do Povo de Deus:

“Perante esta tomada de consciência daquilo que somos e daquilo que seremos num mundo com o qual somos plenamente solidários, nós que somos membros do Povo de Deus, queremos nos interrogar humildemente diante de Deus. Porque somos batizados, vamos nos tornar cada vez mais fermento no nosso mundo. Lembremo-nos de que seremos julgados por nosso amor (Mt. 25). Povos do mundo que estais feridos na vossa dignidade, agredidos na vossa liberdade, espoliados dos vossos bens, perseguidos por causa da vossa fé, indefesos ante a ambição de todo o tipo de poder: nós vos dizemos que a Igreja está junto de vós e quer ser, no meio de vós, e convosco, testemunha do amor de Cristo que nos liberta e nos reconcilia com o Pai”.

Após se dirigir aos homens e mulheres, adultos e jovens, crianças, doentes e anciãos, pessoas de toda a condição, raça e cultura, aos leigos, sacerdotes, religiosos e religiosas... termina o apelo dizendo:

“Vós que abris caminhos novos e antecipais o mundo futuro, vós que teceis vínculos de fraternidade, de concórdia, de justiça e de paz, a Igreja se reconhece a si mesma em vós e vos diz que não deveis perder a coragem, porque a ‘a esperança não decepciona’ (Rm. 5,5)”.

José Ernanne Pinheiro é assessor da CNBB, linha 1, setor Leigos, nessa qualidade esteve em Roma durante o Sínodo. Fez seus estudos de Filosofia no Seminário de Fortaleza (CE) e de Teologia na Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma). Durante vinte anos atuou na Arquidiocese de Olinda e Recife, ocupando, entre outros cargos, os de diretor do Seminário Regional do Nordeste, Vigário Episcopal dos Leigos, Coordenador da Pastoral Arquidiocesana, Diretor do Instituto de Teologia do Recife (ITER). Neste lecionou Teologia Pastoral.

Endereço: Caixa postal 13-2067 – 70259 Brasília - DF